

A influência da literatura de massa na formação do leitor adolescente

Danilo Fernandes Sampaio de Souza (graduando Letras/UNEB)

É notável que uma das grandes discussões que se tem no ambiente escolar, diz respeito ao crescente desinteresse dos jovens pela leitura e literatura. Congressos, seminários, cursos, dentre outros, exploram cada vez mais temáticas relacionadas à formação do leitor no intuito de encontrar meios de estimular a juventude do século XXI, dominada pela rapidez e imersa no mundo virtual e tecnológico a desenvolver o hábito e o gosto pela leitura.

Para muitos adolescentes a leitura na escola tornou-se sinônimo de tarefa árdua, chata e obrigatória. Na maioria das vezes, os alunos ainda não se constituíram leitores, estão iniciando. Leem os livros literários “cânones” (ou parte deles) determinados pelo professor apenas para realizarem as tarefas e avaliações escolares e não serem reprovados no final do ano letivo. Dessa forma, o que muitos alunos veem nas aulas de literatura são simplesmente datas, períodos literários e nomes de autores.

Percebe-se, porém que muitos jovens consomem fora dos muros da escola uma literatura não-legitimada: a chamada literatura de massa, representada principalmente pelos *best-sellers*, que acabam seduzindo seus leitores através de composição simples, linguagem acessível e enredo envolvente. Todavia, essa literatura é repudiada no meio acadêmico e por muitos professores que a consideram como baixa-literatura ou literatura de mercado, não sendo nem mencionadas no contexto.

Neste sentido, a intenção deste artigo não é entrar em questões conceituais ou de julgamento de valor, mas sim, tentar mostrar que a chamada literatura de massa, pode se bem trabalhada, incentivar e dar prazer ao adolescente na leitura literária, além de constituir um grau na formação do leitor, visto que os jovens geralmente não se interessam pela leitura de obras canônicas e eruditas.

1. A Leitura entre os jovens

A leitura tem um poder de transformação muito grande em nossa sociedade. Através dela o ser humano torna-se um sujeito crítico e reflexivo, capaz de compreender a si mesmo e o mundo que está ao seu redor.

Ler é em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. (SILVA, 2011: 51)

No que se refere ao universo da leitura literária, as múltiplas interpretações de um texto e a plurissignificação de uma palavra permitem ao leitor viajar em um universo infinito de possibilidades, sonhos e desejos, permitindo sua interação com épocas, sociedades e culturas diferentes.

A literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo (TODOROV, 2009:23).

A leitura também é mecanismo de transformação nas relações entre os seres humanos. No momento em que o indivíduo começa, através da leitura, transformar sua relação com as pessoas que o cercam, ele exercita a cidadania. Daí a intrínseca relação entre leitura e cidadania. Um cidadão-leitor é consciente de seu papel na sociedade, bem como seus direitos e deveres. Já dizia Monteiro Lobato que “um país se faz com homens e com livros”. Para Jorge Werthein:

A cidadania decorre do processo de educação. O homem e a mulher alfabetizados conhecem seus direitos e deveres. Vão transmiti-los aos filhos e descendentes. Vão ajudar a escolher melhor os governantes e a julgá-los nos momentos adequados. Isso é cidadania. (Werthein, 2008:47)

Contudo, apesar dos incontáveis benefícios proporcionados pela leitura, são várias as pesquisas que apontam para o baixo número de leitores no país. A exemplo tem-se a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro, que constitui, desde sua primeira edição em 2001 uma das principais fontes no que diz respeito ao conhecimento do perfil do leitor brasileiro, bem como suas preferências e motivações para a leitura. Os resultados da terceira edição, divulgados em março de 2012, revelam que 88,2 milhões de brasileiros (50% da população) são leitores, ou seja, leram pelo menos um livro nos últimos três meses que antecederam a pesquisa. O índice é menor do que o apresentado pela segunda edição em 2007, no qual tínhamos 95,6 milhões de leitores (55% da população).

Além dos dados do *Retratos da leitura no Brasil*, outras avaliações apontam também para o baixo grau de leitura entre os brasileiros, o Programa Internacional de

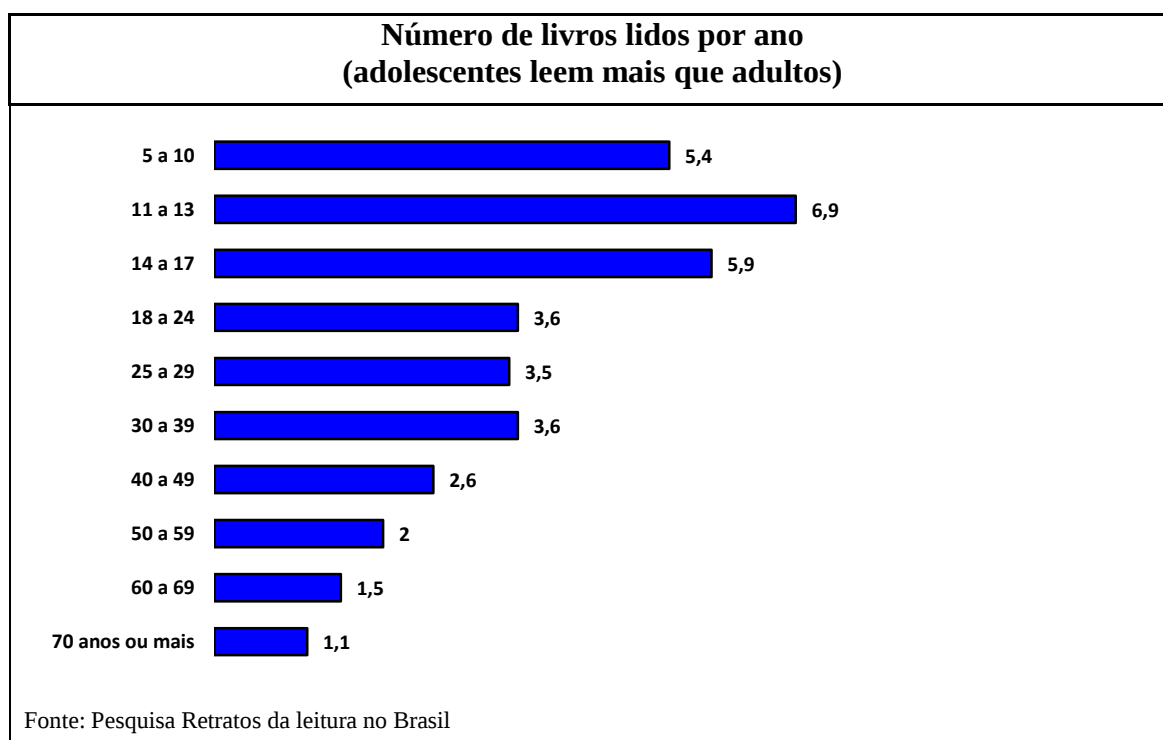
Avaliação dos Estudantes (Pisa) mostrou em 2009 que o Brasil ocupa a 53º no quesito leitura em um *ranking* de 65º países.¹

Avaliações realizadas pelo MEC, como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) mostram que os resultados obtidos pelos estudantes em leitura, literatura e interpretação de textos estão muito aquém dos esperados. Para Tabela:

Nove anos de ensino fundamental e três anos de ensino médio não têm proporcionado aos jovens estudantes a competência necessária para serem considerados leitores literários, como pode ser comprovado nos exames vestibulares, em que a média das provas de literatura tem sido bem inferior àquela que se esperava atingir (TAVELA, 2010:03)

Diante dos dados apresentados, qual tem sido a posição da escola no incentivo à formação de leitores? Ou será que estamos diante da triste realidade da escola que não forma leitores?

Retratos da leitura no Brasil mostrou ainda que a média livros lidos por adolescentes 6,9 (adolescentes de 11 a 13 anos) e 5,9 (adolescentes de 14 a 17 anos) é maior do que a média da população em geral que é de 4,0 livros ao ano, sendo que apenas 2,0 são lidos inteiramente.



¹ Pesquisa disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/pisa-2009/>>

Os dados podem ser justificados compreendendo que essa faixa etária geralmente está na escola. Pode-se ressaltar esse valor positivo, visto que a escola tem proporcionado aos adolescentes o contato com a leitura. Todavia, percebeu-se que ao se distanciarem da escola a média de leitura cai muito, principalmente entre os adultos. Para Amorim “a escola está falhando na tarefa de formar leitores que, além de dominar as habilidades de leitura, também gostem de ler e continuem a fazer isso depois que estiverem longe dela” (AMORIM, 2008:16). Nesse sentido, pode-se inferir que a escola tem possibilitado o acesso de seus alunos à leitura, todavia, não está formando leitores para toda a vida.

Sendo assim, como os alunos estão sendo apresentados à leitura, em especial a literária? Os livros trabalhados pela escola chamam a atenção dos estudantes e despertam neles o prazer pela leitura? Na hora da escolha, o gosto dos alunos é levado em consideração?

Verifica-se que boa parte dos alunos, em geral leitores iniciantes, rejeitam os livros indicados pela escola, os cânones e clássicos da literatura por considerarem difíceis de ler e distantes de sua realidade. As aulas que deveriam servir para aproximar esses alunos da obra literária, geralmente tem seu enfoque na explanação de nomes e obras consagradas, bem como nas características e contextualização histórica, com isso “o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal” (ABREU, 2006:19). Como resultado, tem-se o efeito inverso: o que seria para aproximar os jovens da literatura acaba por afastá-los.

Sendo assim, a leitura literária que agrada aos jovens, encontrada fora dos muros, a chamada literatura de massa é desprezada dentro da escola e por boa parte dos professores e críticos literários. Porém, será realmente que essas obras, não possuem nenhum valor e devem continuar excluídos das salas de aula? Será que elas não representariam o início da caminhada na formação do leitor? Tentar-se-á refletir sobre essas questões a seguir.

2. Literatura de massa: Um caminho na formação do leitor

O trabalho com a leitura e literatura no Ensino Fundamental e Médio beira a sombra da decadência. Pesquisas como a de Mafra (1996) apontam para a necessidade de construção de bons projetos na escola que incentivem à leitura e visem à formação de

leitores adolescentes, para tanto, faz-se necessário ter como objeto central de leitura e estudo o texto literário. Segundo Zilberman e Silva:

Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. (ZILBERMAN, 2008: 22-23)

Dessa forma, a leitura do texto literário é uma experiência rica e indispensável na formação do leitor, Ainda de acordo com Zilberman (2008) é uma atividade completa, estimuladora do diálogo, alargadora do conhecimento e que induz às práticas socializantes. Todavia, percebe-se que na escola o potencial do texto literário tem sido minimizado e por vezes menosprezado através de práticas equivocadas e reducionistas, para Rildo Cosson:

No ensino fundamental, a literatura tem sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: ambas devem ser compatíveis com os interesses da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa. (COSSON, 2011: 21)

Pensando assim, o texto literário é trabalhado com a finalidade de aquisição da norma-padrão, não é a toa que boa parte dos livros didáticos utiliza o texto literário como artifício para expor regras e conceitos gramaticais e em outros momentos para atender a objetivos pedagógicos e moralizantes, com isso, experiências com o prazer, o “saborear” e a descoberta desse mundo cheio de possibilidades e interpretações proporcionado pela literatura, tão importantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura não é vivenciado pelos adolescentes na escola.

No Ensino Médio, com o status que a literatura ganha de disciplina escolar, a literatura brasileira canônica é a única apresentada e ainda sob forma de estilos distribuídos cronologicamente no tempo. Mafra faz uma crítica contundente a essa metodologia:

O ensino de literatura nas escolas de ensino médio vive hoje um grande impasse. Herdeiro de uma visão clássica de literatura, é prisioneiro hoje de um anacronismo que o distancia do aluno. A sequência historicizante dos estilos literários e enfadonha: assemelha-se às antigas aulas de História dadas através dos apontamentos colhidos juntos às fichas amareladas do professor. Ainda que sejam observados desmembramentos futuros, os fatos históricos apresentam-se circunscritos a um tempo. A arte expressa na literatura, ao contrário, só existe como possibilidade de deslocamento de uma contem-

poraneidade em que é produzida. Nestes termos, as antigas aulas de História conseguiam ser mais coerentes que as de Literatura atuais (MAFRA, 2003:04)

Sendo assim, o trabalho com a literatura descomprometida com a formação do leitor e que nega a participação dos estudantes na escolha dos textos e obras trabalhadas gera um desinteresse quase total pela leitura e literatura a ponto de ser comum a situação:

Ao final do processo escolar, após cerca de uma década de contato quase diário com autores, obras e textos dos mais sortidos gêneros, trabalhados segundo as abordagens de leitura e literatura eleitas pela escola [...] milhares de alunos da escola pública concluem o primeiro ou o segundo grau a declararem seu ódio e sua repulsa pela leitura ou [...] o bizarro espetáculo de livros e cadernos sendo rasgados e pisoteados nos corredores e portões das escolas ao cabo de cada ano letivo. (KLEBIS, 2008:37)

Atitudes como essa revelam que a escola, principal instituição responsável pela formação do leitor tem falhado nessa tarefa. A partir dessa realidade surge uma pergunta inquietante: Quais seriam as causas para a aversão dos alunos às aulas de leitura e literatura? Entendemos que esse ensino enfadonho e hierarquizado, que não dá voz ao aluno adolescente, nem aceita suas leituras, suas preferências e gostos poderiam ser algumas possíveis causas desse grande desinteresse pela leitura literária trabalhada na escola.

Por outro lado, uma considerável parcela de adolescentes consome avidamente uma literatura encontrada do outro lado da escola, mas que não é respaldada por ela, rotulada de literatura de massa. Livros como *Harry Potter*, *Jogos vorazes* e *Crepúsculo*, através de enredos cativantes e exposições midiáticas e cinematográficas levam milhares de jovens a se entregarem facilmente à leitura de 200, 300, 400 páginas sem reclamações. Esse seria o sonho de todo professor, se não fosse uma polêmica que tem gerado inúmeras discussões no ambiente acadêmico: esses livros, considerados literatura de massa não são aprovados por boa parte dos intelectuais e críticos literários que alegam que essas obras são destituídas de valor literário e que estão apenas a serviço das ideologias do mercado, não levando seus leitores à reflexão. Contudo, é impossível desconsiderar que essas obras compõem as listas dos mais vendidos e atingem um número assustador de vendagem porque estão sendo lidos, para Eliane Paz:

Se o Best-seller é resultado do processo de industrialização e efeito da ação capitalista sobre a cultura, é preciso levar em conta também que esse tipo de narrativa tende a constituir-se em “campeão de vendas” porque se configura

uma poderosa estimuladora de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e estimular a imaginação do leitor-consumidor. O fascínio duradouro dessa literatura indica que não se pode analisá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeito de estratégias mercadológicas ou como subproduto da literatura culta. (PAZ, 2004:02)

Diante dessa recepção mais acolhedora de *best-seller* por parte dos jovens, essas obras podem servir de iniciação à leitura literária. Todavia, enquanto a escola fechar as portas para as leituras de entretenimento, mais livres de reflexões profundas e que estimula o gosto pela literatura, ela estará fechando as portas para que mais tarde os adolescentes deem saltos mais longes e precisos “onde o entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo” (PAES, 2000:28).

Por isso faz-se necessário que seja revisto, refletido e principalmente seja dada voz ao aluno no que se refere às obras e textos trabalhados em sala de aula. Sendo o cânone literário a âncora do trabalho de literatura na escola, além de ser respaldada pelos documentos legais, sua apresentação deve ser preservada, mas por outro lado, o trabalho com a literatura de massa pode ser benéfico, visto que alguns estudiosos da literatura, já reconheceram que os *best-sellers* são poderosos propagadores de leitura:

(...) Estou convencido de que, para aceder à grande literatura, deve-se primeiro aprender a amar a leitura. (...) Eu mesmo, há muito tempo, comecei a ler versões simplificadas dos clássicos em búlgaro. (...) Isso não me impediu de abordar o texto completo do romance alguns anos mais tarde. Desse ponto de vista, eu recomendo sempre „O Conde de Monte Cristo” [de Alexandre Dumas] ou, por que não?, As aventuras de Harry Potter. (TODOROV, 2007)

É impossível fechar os olhos para os novos estilos e temas da literatura que agradam ao adolescente e que por vezes são encontrados no acervo da literatura de massa. Sendo assim, o professor é o mediador que incentiva a leitura de forma prazerosa e bela, ele é peça fundamental na mediação entre adolescentes e literatura. Para tanto, deve apresentar-se sem preconceitos e aberto às novas leituras e possibilidades literárias, perpassando entre o antigo e o atual, entre o cânone e o massivo, possibilitando uma convivência saudável entre elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AMORIM, Galetto (org). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. Leitura na escola: problemas e tentativas de solução In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org). *Leitura na escola*. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. *Leituras à revelia da escola*. Londrina: Eduel, 2003.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. *Quando as crises se encontram: Literatura, prática docente e adolescência*. 1996. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1996.

PAES, José Paulo. *Aventura Literária: Ensaio sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PAZ, Eliane H. *Massa de qualidade*. In: I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial, 2004, Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianehpaz.pdf>. Acesso em 10 de Abril de 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TAVELA, Maria Cristina Weitzel. *Literatura de massa na formação do leitor literário*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de-massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf>. Acesso em 26 de Abril de 2012.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *Leitura e leitores*. São Paulo: Folha de São Paulo, 18 fev. 2007. Entrevista concedida a Jorge Coli.

WERTHEIN, Jorge. Leitura e cidadania. In: AMORIM, Galetto (org). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

ZILBERMAN, Regina. & SILVA, EZEQUIEL Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. 2ªed. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.